



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMPLEMENTARES**

Escola: _____

Estudante: _____

Componente curricular: História
Período: 05/04/2021 a 29/04/2021

Etapa: Ensino Fundamental II
Turma: 7º ano

- As atividades das APCs serão adequadas de acordo com a limitação e necessidade de cada estudante pelo professor (a) de Apoio e Supervisão do Departamento de Coordenação de Educação de Inclusão social.

CADERNO 2

AULA 1 e 2 - Livro didático de História: “História sociedade e cidadania”, **páginas 24 e 38** com o tema “Povos e culturas africanas: Malineses, Bantos e Iorubas”. *(Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático)*



- Fazer a Leitura do texto e imagens.

POVOS E CULTURAS AFRICANAS: MALINESES, BANTOS E IORUBÁS

A África é um continente com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, dezenas de países e centenas de povos com culturas e línguas singulares. Por ser o berço da humanidade e o lugar de origem dos ancestrais de milhões de brasileiros, a África e sua história têm grande importância para nós.

África: aspectos físicos

Quando observamos o mapa da África, vemos ao norte um imenso mar de areia, que tem o nome de deserto do Saara. Nesse deserto viviam povos nômades, chamados berberes, que controlavam as importantes rotas comerciais do norte africano. Ao sul do Saara está o Sahel, uma faixa de terra que vai desde o oceano Atlântico até o Mar Vermelho. No Sahel viviam povos negros chamados, genericamente, de sudaneses, como os bambaras, os fulas, os mandingas, os hauçás, entre outros.

A extensa área habitada por eles era chamada de Sudão (em árabe, Biladal-Sudan, que significa “terra de negros”). O Sudão ocidental é cortado por dois importantes rios: o Senegal e o Níger.

Esses rios permitiam que os povos do Sahel tivessem água para suas necessidades básicas e também para fertilizar a terra e cultivar cereais, legumes e verduras. Além disso, serviam como via de locomoção e transporte. Em canoas ágeis feitas com troncos de árvores, os povos do Sahel transportavam as mercadorias, como sal, ouro e noz-de-cola, que chegavam em lombos de camelos, saídos dos portos do mar Mediterrâneo, ou que para lá seguiam.

O Império do Mali

Foi justamente no Sudão ocidental, entre os rios Senegal e Níger, nas terras habitadas pelos mandingas, que se formou o Império do Mali, um dos maiores e mais duradouros da história da África. Boa parte do que sabemos sobre o Império Mandinga (ou do Mali) chegou até nós através dos griôs.

No passado, quando um griô falecia, o seu corpo era enterrado dentro de um baobá, árvore considerada sagrada e cujos troncos são ocos.

Acreditava-se que, ao enterrar o corpo de um griô nessas árvores, suas histórias e canções continuariam sendo divulgadas e conhecidas por muitos.

A formação do Império do Mali

Contam os griôs que tudo começou com o príncipe de etnia mandinga chamado Sundiata Keita. Ele e seus guerreiros venceram os sossos, seus opressores, na batalha de Kirina, em 1235.

E, depois de vencer também outros povos vizinhos, fundaram o Império do Mali.

No poder, Sundiata Keita converteu-se ao islamismo, religião criada por Maomé e cujo princípio fundamental é a crença num único Deus. Segundo alguns historiadores, ele se converteu movido pela ideia de poder participar do comércio que, na época, era controlado pelos árabes islâmicos. No Mali, o imperador era a maior autoridade, mas ele ouvia seus auxiliares (o conselho); e, sempre que precisava tomar uma decisão importante, ouvia também dois altos funcionários: o chefe das forças armadas e o senhor do tesouro, que era responsável pela guarda dos depósitos de ouro, marfim, cobre e pedras preciosas.

Sundiata Keita preocupou-se também em proteger o império dos ataques dos berberes; por isso, deslocou sua capital para Niani, ao sul do Mali. Nas estradas que ligavam Niani à região nordeste, se formaram importantes cidades africanas, como Djenné, Gao e Tombuctu.

Economia malinesa O Império do Mali era o maior produtor de ouro da África ocidental, mas sua população praticava também a agropecuária, o artesanato e o comércio. No vale do rio Níger, os malineses cultivavam arroz, milhete, inhame, algodão e feijão; e, além disso, criavam bovinos, ovinos e caprinos. Os artesãos malineses eram habilidosos no trabalho em metal e em madeira. Os mercadores malineses (conhecidos como wangara) comercializavam sobretudo ouro, cobre, sal e noz-de-cola. No Mali, o cobre era muito apreciado, e o sal, quase tão valioso quanto o ouro. Na África ocidental, os malineses são conhecidos até hoje como bons comerciantes.

A força e o declínio do Império do Mali

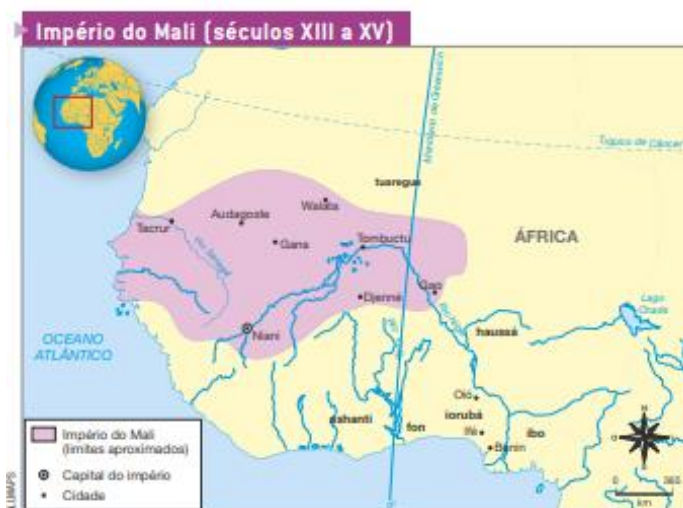
O Império do Mali controlou uma área imensa, chegou a ter cerca de 45 milhões de habitantes e durou 230 anos. Segundo o historiador José Rivair de Macedo, a longa duração e o poder do Império do Mali podem ser explicados pelos seguintes motivos:

- a) possuía um poderoso exército composto de arqueiros, lanceiros e cavaleiros com capacidade de reprimir rebeldes em caso de revolta;
- b) controlava as áreas de extração do ouro;
- c) tinha uma estrutura administrativa eficiente, com representantes nas áreas sob seu domínio;
- d) adotava uma política de consulta aos povos dominados e respeitava suas tradições e religiões.

O Mali, maior império africano daqueles tempos, conservou sua liderança na região até a metade do século XV, quando entrou em declínio devido a conflitos entre seus líderes e ao surgimento de novos centros de poder, a exemplo do Reino de Songai. Durante sua expansão, esse reino conquistou a cidade de Tombuctu, em 1470, tornando-se, assim, a principal força política da região.

Os bantos

Na África, ao sul do deserto do Saara, viviam e vivem ainda hoje os bantos, povos que possuíam uma origem comum e falavam línguas aparentadas denominadas de bantas. Por volta de 1500 a.C., os povos bantos partiram de onde é hoje a República de Camarões e foram se deslocando para o



centro, o leste e o sul do continente africano; esse deslocamento durou cerca de 2500 anos e foi a maior migração já vista na história da África subsaariana. Durante seu deslocamento, os bantos domesticaram plantas e animais e conquistaram povos que viviam da caça e da pesca. Os bantos eram povos agricultores e tinham domínio da técnica de produção do ferro, usado por eles para fazer instrumentos de trabalho e armas de guerra; isso os colocava em vantagem sobre os povos que desconheciam a técnica da metalurgia e ajuda a explicar sua vitória sobre esses povos. Assim, as regiões ocupadas pelos bantos tornaram-se terras de agricultores que dominavam a metalurgia.

Reino do Congo

A bacia do rio Zaire, chamado de Congo pelos portugueses, era habitada desde longo tempo por grupos bantos, como o bacongo, o luba, o lunda e o quicongo. Segundo uma tradição, no final do século XIII, os bacongos dominaram grupos menores falantes das línguas umbundo e quicongo. Sob a liderança de um líder lendário de nome Nimi-a-Lukeni, eles expandiram seus domínios por meio de guerras, alianças e da cobrança de tributos. Nimi-a-Lukeni recebeu o título de manicongo (senhor do Congo) e passou a ser considerado o herói fundador do Reino do Congo. Depois, edificou seu palácio em Mbanza Congo e, a partir desse centro de poder, o Reino do Congo passou a controlar um amplo território.

Na capital, o manicongo exercia sua autoridade com o auxílio de 12 conselheiros, entre os quais estavam os secretários reais, os oficiais militares, os homens da lei e os coletores de impostos, entre outros. Desses 12 conselheiros, quatro eram mulheres e representavam o clã das avós do rei. Os congos conheciam técnicas apuradas de fusão do ferro. Segundo a tradição, o fundador do Reino do Congo era um rei ferreiro, por isso os trabalhos em ferro eram reservados aos nobres.

No Congo, o comércio era intenso. Da capital do Congo partiam as caravanas que iam ao interior buscar ou levar produtos, com especial destaque para o ferro e o sal. O ferro era extraído na província de Nsundi, no norte do reino. Já o sal, raro e precioso, vinha das salinas de Mpinda e da província de Ndembu, no sul.

Aldeias (lubatas) e cidades (mbanzas) pagavam tributos ao manicongo, que, em troca, lhes oferecia proteção espiritual, pois era visto como intérprete da vontade dos ancestrais e dos espíritos.

Os tributos eram pagos em espécie (sorgo, vinho da palma, metais, frutas, gado, marfim e peles) e em dinheiro. A moeda do Congo era o nzimbu, uma espécie de concha marinha pescada na ilha de Luanda; a exploração dessas conchas era monopólio do rei. O manicongo repartia parte dos bens arrecadados com os líderes de linhagens e das aldeias, estabelecendo, assim, uma aliança e um equilíbrio de poder no Reino.

Bantos no Brasil

A maioria dos milhões de africanos entrados no Brasil entre os séculos XVI e XIX era falante de línguas bantas, como o quimbundo, o quicongo e o umbundo. Isso ajuda a explicar por que essas línguas estão entre as que mais influenciaram o português falado no Brasil.



Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2006. p. 39.

Palavras bantas	
Berimbau – Arco musical, instrumento indispensável na capoeira.	Fubá – Farinha de milho ou arroz.
Caçula – O mais novo dos filhos ou dos irmãos.	Jiló – Fruto do jiloeiro, de sabor amargo.
Canjica – Papa de milho-verde ralado a que se juntam leite de coco, açúcar, cravo e canela.	Moleque – Menino, garoto, rapaz.
Carimbo – Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos.	Quiabo – Fruto do quiabeiro, muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira e baiana.
Cochilo – Ato de cochilar.	Quitute – Petisco, iguaria de apurado sabor.
Dendê – Palmeira ou fruto da palmeira. Óleo vermelho obtido da palmeira dendê, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e baiana; óleo de palma no português de Portugal.	Samba – Dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança.

Fonte: CASTRO, Yedda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

Os iorubás

Nas terras da África ocidental viveram povos igualmente importantes na formação cultural do Brasil; entre esses povos merecem especial atenção os iorubás.

Os iorubás construíram uma civilização marcadamente urbana, com cidades de ruas e avenidas retas e mercados movimentados; entre as principais cidades iorubás daquela época estavam Ifé, Keto e Oió (capital política).

Política e economia

A força econômica das cidades iorubás vinha, sobretudo, do comércio; seus comerciantes (homens e mulheres) circulavam por terra e pelos rios da região em canoas carregadas de produtos da floresta (pele de leopardo, pimenta, marfim, noz-de-cola), além de objetos de couro, metal e marfim confeccionados por seus artesãos. Na cidade de Oió, capital política dos iorubás, havia bairros especializados em curtume, serralheria, fundição. Ifé, que teve seu período de maior esplendor entre os séculos XII e XV, era a cidade sagrada dos iorubás, sua capital religiosa, e é vista por eles até hoje como o umbigo do Universo, local onde tudo começou. Daí a importância espiritual de Ifé para todas as comunidades iorubás, na África e no Brasil. Em Ifé, o poder político e religioso era exercido pela mesma pessoa, o oni; ele administrava a cidade, distribuía a justiça e era o responsável pelos cultos religiosos visando às boas colheitas. Era o oni também quem confirmava a autoridade dos líderes de outras cidades iorubás, como Keto e Oió; quando alguém chegava ao poder tinha de se dirigir a Ifé para ter sua autoridade confirmada por ele.

Apesar de compartilharem uma mesma língua e possuírem uma base cultural comum, os iorubás não chegaram a compor um Estado centralizado, à semelhança dos antigos malineses; as suas cidades eram cidades-Estado ou cidades-reino, como preferem alguns especialistas no assunto. As cidades iorubás não formaram uma unidade política; eram independentes umas das outras.

Iorubás no Brasil

Segundo o estudioso Pierre Verger, foi principalmente após 1830, quando os muçulmanos destruíram a cidade de Oió, capital política dos iorubás, que eles foram trazidos para o Brasil como escravos, tendo entrado, em grande número, pelo porto de Salvador. Entre os iorubás aqui chegados havia muitos sacerdotes, príncipes, líderes políticos e artistas, que foram empregados, sobretudo, em trabalhos urbanos e domésticos, na cidade de Salvador e no Recôncavo Baiano. Embora trazidos à força e em condições adversas, os iorubás fizeram história e arte em solo brasileiro. A arte de matriz iorubá pode ser vista em várias regiões do Brasil, mas é a Bahia seu principal polo de irradiação; lá nasceram ou vivem alguns dos grandes nomes da música e das artes plásticas de matriz iorubá. Na música temos vários artistas herdeiros da tradição iorubá, como os integrantes dos blocos Olodum e Ilê Aiyê e a cantora **Margareth Menezes**.

Nas artes plásticas temos nomes importantes, como os escultores Emanuel Araújo e Mestre Didi e os pintores Carybé e Menelaw Sete (conhecido como Picasso do Brasil).

Emanuel Araújo (1940) é escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor e museólogo. Foi professor de artes gráficas e escultura

na The City University of New York, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo e fundador do Museu Afro Brasil, em São Paulo, do qual também é diretor-curador.

Mestre Didi (1917-2013) foi escultor e escritor baiano, expoente da arte de matriz iorubá no Brasil.



AULA 3 e 4 - Livro didático de História: “História sociedade e cidadania”, **páginas 24 e 38** com o tema “Povos e culturas africanas: Malineses, Bantos e Iorubás”. (Texto transcrito na aula anterior, para alunos que não possuem o livro didático)

- Responder as questões do livro didático do número 1 e 2 da página 38.

1. A África é o berço da humanidade; apesar disso, sua história é pouco conhecida. Leia as afirmações e copie em seu caderno as verdadeiras. Justifique suas escolhas.

- a) A África é um país com muitos povos e línguas diferentes.
- b) A África é um continente habitado exclusivamente por povos negros.
- c) A África é um continente com 54 países (2018) e mais de 30 milhões de quilômetros quadrados.
- d) A história da África negra tem ligações estreitas com a história do Brasil.
- e) Grande parte da população brasileira descende de povos africanos.

2. Observe o mapa com atenção e responda no caderno:



Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 13.

a) Qual é o assunto principal do mapa?

b) Além das rotas de comércio, que outras informações importantes o mapa nos dá?

c) Com base no que você estudou e na observação do mapa, é possível concluir que o sal era um produto importante no comércio através do Saara?

AULA 5 e 6 - Avaliação Bimestral de História.

AULA 7 e 8 - Livro didático de História: “História sociedade e cidadania”, **páginas 43, 44 e 45** com o tema “Vozes do Passado” e “Interagindo com Língua Portuguesa – Os três irmãos (um conto africano)” (Textos e questões transcritos abaixo, para alunos que não possuem o livro didático).

- Fazer a Leitura e interpretação do texto e imagens. Responder as questões do livro didático, letras A e C da página 43 e letras A, B e C da página 45.

VOZES DO PASSADO

Os provérbios a seguir são do Congo e foram recolhidos pelo escritor, pesquisador e compositor Nei Lopes, um dos maiores conhecedores das culturas e das histórias da África e dos afro-brasileiros. Leia-os com atenção.

1. É tentando muitas vezes que o macaco aprende a pular da árvore. [...]
2. O saber é melhor que a riqueza. [...]
3. Estar bem-vestido não impede ninguém de ser pobre. [...]
4. Amor é como criança: precisa muito de carinho. [...]
5. Os dentes estão sorrindo, mas o coração está? [...]
6. Um pouco de delicadeza é melhor que muita força. [...]
7. Os amigos dos nossos amigos são nossos amigos. [...]
8. O tronco fica dez anos na água, mas nunca será um crocodilo. [...]
9. A morte não emite som de trombeta. [...]
10. Não importa se a noite é longa, pois o dia sempre vem. [...]
11. Os ausentes estão sempre errados. [...]
12. Montei num elefante, os amigos chegaram; morreu o elefante, os amigos se foram.

LOPES, Nei. *Kitabu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005. p. 66-67.



Nei Lopes.

a) O que você entendeu do provérbio número 1?

c) O que se pode concluir do provérbio número 5?

III Integrando com Língua Portuguesa

O texto a seguir é um miniconto africano, recontado pelo autor Rogério Andrade Barbosa. Esse miniconto foi preservado pelos griôs até ser transcrito e chegar ao nosso conhecimento.

Os três irmãos (um conto africano)

Três irmãos, há muito e muito tempo, viviam em uma pequena aldeia no antigo reino do Congo. Os rapazes eram perdidamente apaixonados pela princesa real. Mas, como eram simples aldeões, sabiam que nenhum deles poderia se casar com a moça.

Desiludidos, os três saíram mundo afora, em busca de uma nova vida. Andaram, andaram e andaram, durante dias e noites infindáveis, através de florestas e desertos, até alcançarem um povoado oculto entre as montanhas. Apavorados, descobriram que o misterioso lugar era habitado por seres dotados de poderes sobrenaturais.

Os três, imediatamente, foram aprisionados e obrigados a trabalhar como escravos. Como um sempre ajudava os outros, todas as tarefas foram concluídas. Por isso, após um ano de cativo, foram soltos. E, como prêmio pelos serviços prestados, cada um recebeu um presente mágico.

O irmão mais velho ganhou um espelho, no qual podia ver qualquer coisa que estivesse acontecendo. O do meio ganhou um tapete voador, capaz de levar seu dono aos lugares mais distantes, numa velocidade impressionante. E o irmão mais novo ganhou uma rede de malhas de aço, com a qual podia capturar o que quisesse.

À noite, o irmão mais velho viu em seu espelho que a princesa, por quem ainda eram enamorados, iria se casar naquele exato instante com um monstro que havia se disfarçado de humano.

Os três, na mesma hora, subiram no tapete do irmão do meio e, cruzando os ares, chegaram bem a tempo de interromper a cerimônia. E, graças à rede do irmão mais novo, aprisionaram o monstro.

O rei, agradecido, resolveu dar a filha em casamento a um dos rapazes. Mas ele pensou, pensou e não conseguiu escolher nenhum dos três. Pois, de acordo com os conselheiros reais, todos os irmãos haviam tido um papel importante.

Eu também, quando conto esta história, sempre fico na dúvida. E você, leitor? Em sua opinião, qual dos três irmãos merece receber a mão da bela princesa? O dono do espelho, o do tapete ou o da rede? Por quê?



a) Identifique alguns elementos da cultura e história africanas presentes nesse texto.

b) Relacione a história do Congo à narrativa. Explique que situações podem representar, de modo figurado, fatos da história desse povo.

c) O conto convida o leitor a participar da história. Responda às questões postas no último parágrafo e interfira no destino dos personagens, escrevendo um pequeno texto.
